

O REMANSO

Ano 02 |Fev.2019

- **Obra de dragagem do rejeito prevê nova barragem na Fazenda Floresta**
- **Comissões de Atingidos buscam esclarecimentos sobre as obras no território**
- **Sem auxílio, atingidos relatam suas dificuldades**



CENTRO ALTERNATIVO DE
FORMAÇÃO POPULAR
ROSA FORTINI

✉ ascomfortini@gmail.com
www centrorosafortini.com.br
f [centrorosafortini](https://www.facebook.com/centrorosafortini)
📷 [centrorosafortini](https://www.instagram.com/centrorosafortini)

Comissões de Atingidos buscam esclarecimentos sobre as obras na Fazenda Floresta

Em visita às obras da Fazenda Floresta, integrantes das Comissões de Atingidos de Santa Cruz do Escalvado e de Rio Doce buscaram explicações para vários questionamentos em relação à dragagem e ao armazenamento do rejeito que acumulou no leito do rio Doce após o rompimento da barragem do Fundão, em Mariana.



Integrantes das Comissões de Atingidos de Santa Cruz do Escalvado/ Chopotó e Rio Doce visitam a obra e buscam esclarecimentos.

Uma das preocupações dos atingidos no território é a modificação ou até mesmo a contaminação do solo e da água pelo rejeito, pois até o momento (três anos após o rompimento) não foi publicado estudo para comprovação de sua composição química.

O rejeito está sendo depositado (empilhado) em um vale na Fazenda Floresta, município de Rio Doce. O local, que abriga o córrego Micaela e algumas nascentes, era coberto por mata nativa, mas com as obras seu ecossistema foi totalmente modificado.

De acordo com profissionais da Fundação Renova, as obras estão sendo realizadas com autorização dos órgãos ambientais em caráter emergencial e apresentam situações adversas. A Instituição alega que o peso do rejeito (devido à presença maior de metais como ferro, alumínio e manganês), o bombeamento do rejeito para local mais elevado e o volume de rejeito carreado no período chuvoso, são fatores que dificultam o andamento da obra.

Ainda, conforme informações da Fundação Renova, um sistema de drenagem

está sendo preparado no dique principal para conservar o rejeito seco e empilhado e assim garantir a estocagem de forma segura. Como a Instituição foi criada para executar os trabalhos e tem vida restrita, futuramente quem assumirá o processo de monitoramento e controle do rejeito estocado na Fazenda Floresta será a Samarco.

O último cronograma encaminhado ao Comitê Interfederativo (CIF) estabelece o prazo de até março de 2020 para que as obras sejam finalizadas e a UHE Candonga volte a operar. Com a paraliza-



Dique principal: local onde será construída a nova barragem

ção da Hidrelétrica, os dois municípios deixaram de receber royalties e parte dos impostos (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS) contabilizados de acordo com a geração de energia. Além disto, muitas pessoas do território ficaram inesperadamente desempregadas.

Movimentação em terreno do Dique Intermediário

No dia 25 de setembro de 2018, em visita as obras da Fazenda Floresta, integrantes das Comissões de Atingidos de Santa Cruz do Escalvado/ Chopotó e de Rio Doce observaram um "deslocamento de massa" no terreno onde estava sendo construído o dique intermediário.

Durante as próximas duas visitas, os integrantes das Comissões constataram que foram realizadas obras de contenção no local.

A estrutura foi projetada para ser uma das etapas operacionais da dragagem. A princípio, o rejeito seria bombeado para este dique (parte do vale existente na Fazenda Floresta) e, posteriormente, para a estrutura principal (terreno acima). No entanto, uma falha geológica no terreno inviabilizou a continuidade da obra e a

utilização deste dique.

O dique principal está localizado em terreno acima do dique intermediário (outro vale). Ele será utilizado para depósito do rejeito que será retirado dos 400 metros da barragem da UHE Candonga. Já que o dique intermediário foi isolado, alternativas de engenharia estão sendo estudadas para que o rejeito seja bombeado diretamente para o dique principal.

O rejeito será depositado diretamente no solo (onde está localizado o córrego Micaela e nascentes), sem impermeabilização. A Fundação Renova garante que não há necessidade de impermeabilização, pois as análises químicas realizadas não demonstraram que o material é perigoso de acordo com as normas brasileiras. Todavia, nenhum estudo foi

publicado.

São três bacias que receberão a água drenada do dique principal. Esta água será tratada e depois reconduzida para o rio Doce. Estas bacias ficam próximas à sede da Fazenda Floresta.

De acordo com as informações obtidas, cerca de um milhão de m³ de rejeito já foi retirado dos 400 metros próximos à barragem da UHE Candonga e empilhados em setores às margens do Rio. A maior parte destes setores ficará submersa quando o nível do lago voltar ao normal.

Na área de remanso do reservatório de Candonga, de acordo com a Fundação Renova, existem cerca de 10 milhões de m³ de rejeito. Não há previsão para retirada deste material.



Deslocamento no terreno do dique intermediário inviabilizou sua utilização



A água proveniente do dique principal passará por tratamento em três bacias antes de retornar ao rio

Os tão falados 400 metros é a distância entre a barragem da UHE Candonga e o primeiro barramento metálico construído (A). A retirada do rejeito deste espaço é o maior objetivo das obras que ocorrem na Fazenda Floresta. De acordo com informações da Fundação Renova, foi retirado um milhão de m³ de rejeito do local, porém ainda precisa dragar a mesma quantidade.

As obras de dragagem foram paralisadas no período de chuva, mas voltam em março de 2019. No momento, apenas seis empresas prestam serviços no local para a

Fundação Renova. Elas realizam os seguintes serviços: operação do sistema de condução de água até as bacias de tratamento; contenção das margens do Rio; revegetação; manutenção do acesso principal e finalização de atividade no barramento A.

Foram implantados três barramentos metálicos no leito do rio Doce (A, B e C). O maior objetivo foi conter o rejeito à montante da barragem da UHE Candonga evitando seu carreamento e conseqüente complicação da dragagem dos 400 metros.

Até quando teremos que esperar?

Após três anos do rompimento da barragem do Fundão, em Mariana, muitos moradores do território (Santa Cruz do Escalvado, Rio Doce e Chopotó) ainda aguardam por um atendimento justo por parte das mineradoras. Alguns estão recebendo o Auxílio Financeiro Emergencial (AFE), mas existem muitas pessoas que tiveram suas atividades interrompidas e que não recebem qualquer tipo de auxílio. São famílias que dependiam muito do rio Doce e que

lutam pelo restabelecimento da qualidade de vida.

Percorrendo a área rural do município de Santa Cruz do Escalvado, nossa reportagem registrou alguns relatos de atingidos que demonstraram grandes prejuízos acumulados durante estes três anos. A maior parte dos atingidos persiste em suas atividades de origem, mas a verdade é que não está sendo fácil para eles.

Valdinei Rodrigues – Barca de Santana

“A lama acabou com minhas plantações. Plantei outras duas vezes nas baixadas, mas não consegui colher. Precisei vender minhas vacas. A minha balsa não atravessa mais o Rio porque a lama entupiu o lugar dela passar. Já consegui tirar ouro, hoje vou tirar onde? A lama acabou com os peixes também, se tiver algum está contaminado. Estou pagando pelo erro dos outros”.



Antônia Maria da Silva- Córrego da Serra

“Aprendi a pescar com meu avô quando tinha 8 anos, pegava traíra, pacumã, lambari e outros peixes. Cresci, comecei a plantar roça, e nesta época pescava pra cima do Merengo, no Morro do Boi. A gente comia muito peixe, era o que tinha. Quando casei, continuei a pescar com meu marido. Antes da lama, quando minhas irmãs vinham me visitar comiam peixes, levavam congelados e até na fumaça. Sei que tem peixes no Rio, mas não tenho coragem de comer”.



Dona Nazaré e Sr. Ducão

“Criamos nossa família com muita dificuldade. Viviam no Rio pescando e tirando ouro. Ficávamos no Rio o dia inteirinho, até o sol entrar. Ali nós fazíamos banca, forrávamos com carpete, ralo, pegava água com o baldinho e íamos despejando. Eu ainda tenho as pás. Na pescaria, pegávamos lambari, traíra, cascudo, corvina, curimatã...Hoje acabou, perdeu a graça”.



Tequinho

“Nós comprávamos, revendíamos e entregávamos areia. É uma tradição de pai para filho. Meu pai tem 45 anos que puxa areia. Na época, nem draga existia, era manual. Eu e meus dois irmãos dependemos desta atividade. Tínhamos três pontos de areia com fatura, hoje não está tendo e dependemos de buscar em outros lugares. O custo é muito alto”.



Renê Sulfarino- Merengo

“As coisas cada dia estão mais tristes. Usava irrigação para plantio de milho, cana, na safra, safrinha e pós-safra. No momento, não tenho como utilizar a água do Rio. Continuo registrando os boletins de ocorrência das vacas que estou perdendo. Não tenho condições de comprar uma saca de sal que custa R\$ 12,00. Tinha uma boa produção de leite que conquistei depois de muitos anos de trabalho e dois contratos de areia, hoje conto com a aposentadoria da minha mãe. Também utilizava a água do Rio para criação de tilápias. Amarraram minhas pernas, meus braços e querem que eu trabalhe, fica difícil”.

